

A mulher e o valor da vida

Poucas mulheres, até aqui, chegaram ao poder no mundo, apesar de todas as conquistas que tivemos ao longo do tempo de existência da humanidade, na luta pela igualdade de direitos, oportunidades e deveres entre os gêneros. Daí a relevância da escolha de Angela Merkel, no ano passado, para ser a Chanceler da Alemanha e de Michelle Bachelet, na entrada de 2006, para presidir o Chile.

TEXTO: DEPUTADA FEDERAL DENISE FROSSARD

Ao que parece, o equilíbrio de gênero na composição do poder mundial ganha velocidade e à proporção que o exercício do poder se torna mais democrático. Percebam que, em qualquer campo da atividade humana, a democracia é a semente do equilíbrio de gênero, porque somente ela é capaz de abrir espaços para o exercício do poder pela mulher. A mulher, até por uma questão de sobrevivência, preza a democracia. Nós sabemos o preço exato que as sociedades pagam pelos regimes totalitários, pelos regimes absolutos.

Neste ponto, podemos afirmar, com convicção histórica, que a participação da mulher na composição do poder, por si só, abre espaços para a existência de um mundo cada vez mais seguro. É importante lembrarmos que o mundo moderno só é o que é porque é fruto de decisões majoritariamente masculinas.

Nem Deus se atreveu. Ele construiu o mundo e a humanidade com base no equilíbrio. O equilíbrio de gêneros é uma decisão divina.

Houvesse equilíbrio de gênero no comando das nações, com certeza, algumas guerras não ocorreriam, porque as mulheres trazem consigo a paciência que a experiência com a dor produz. E esta paciência esticaria as oportunidades de diálogo e



Angela Merkel



Michelle Bachelet

as oportunidades de diálogo trariam as soluções que alguns buscam nas guerras, mas não encontram.

A lógica feminina valoriza a paciência, o diálogo e a compreensão, assim como valoriza o trabalho, porque reconhece que a paciência é fruto da sabedoria e não da ociosidade e sabe que a ociosidade é, por natureza, uma atitude conservadora. O acesso às oportunidades econômicas, sociais e políticas, bem sabem as mulheres, não é uma conquista autorizada a quem seja conservador.

A lógica feminina é a lógica da autoridade, mas não a lógica do autoritarismo. A mulher valoriza a vida, porque sabe que ela não surge, senão depois de meses de espera e de sonhos.

Há alguns anos estive à frente da ONG para o Desenvolvimento da Mulher - o Banco da Mulher. Lá, presenciei que quando se dá um real a uma mulher, primeiro ela pensa em suprir as necessidades do filho, depois as do marido, depois

as da casa. Por último ela pensa em si própria. Aí está uma qualidade que falta hoje na linha do combate à criminalidade: o altruísmo pragmático. A mulher protege porque ama e nisto está o sentido da sua vida e do seu trabalho.

Por isso vejo com o mais absoluto otimismo a chegada das mulheres ao poder, não para exercê-lo a partir de uma lógica exclusivamente feminina, porque, desta maneira, terminaríamos por cair no erro que hoje ainda as sociedades cometem e nós condenamos. A presença da mulher no contexto do poder mundial trará para o mundo moderno a experiência de viver sob o manto do equilíbrio de gêneros, situação que algumas nações já conhecem; nações que, não por mera coincidência, estão em melhor colocação no ranking de países com menores índices de miséria, corrupção e violência. O equilíbrio de gêneros no exercício do poder é a equação capaz de dissolver as desigualdades sociais, econômicas e políticas que insistem, ainda hoje, no século XXI, em sacrificar multidões no mundo inteiro. ■